
A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE BRASILEIRA A PARTIR DE GILBERTO FREYRE

THE CONSTRUCTION OF BRAZILIAN IDENTITY FROM GILBERTO FREYRE

Ricardo Ossagó de Carvalho
Doutorando em Ciência Política - UFRGS
ricarvalhojunior@yahoo.com.br

RESUMO: O presente artigo tem como objetivo suscitar o debate do pensamento de Gilberto Freyre e a sua contribuição a respeito da identidade brasileira, a partir da construção de raças: índia, branca e negra. Relaciona-se isso aos conceitos de raça e de cultura com a sua famosa e mais prestigiada obra “Casa Grande e Senzala” sem deixar de contextualizar um debate crítico com outros contemporâneos dessa discussão, tais como: Darcy Ribeiro com a sua obra “O Povo Brasileiro” e Sérgio Buarque de Holanda com “Raízes do Brasil”. Estes três autores refletem sobre a mesma preocupação: mostrar a formação e construção (da identidade) da sociedade brasileira, através da qual se remete a ideia de origens e de histórias de como esse povo foi constituindo a realidade pela qual encontramos, trazendo reflexões e outros pontos de vista provenientes de outros contextos. O *paper* está dividido em dois tópicos. No primeiro, vamos debater a identidade brasileira, a partir da obra Casa Grande e Senzala, de Gilberto Freyre. Na segunda parte, a mesma temática já com alguns autores contemporâneos a Gilberto Freyre, que trabalharam nesta mesma linha de pensamento como, Sergio Buarque de Holanda e Darcy Ribeiro. Por fim, debateremos o conceito de que brasileiro traz na pele e na alma a marca da miscigenação. O Brasil pintado por Freyre é um país mestiço, em larga medida, um país negro. Além disso, é um país de moral arranhada pela luxúria - do qual ele não nega participar. Quando falamos de “construção da identidade brasileira”, referimos-nos ao discurso imaginário sobre a nação e os teóricos, visto que a unidade identitária existe somente em termos discursivos.

PALAVRAS-CHAVE: Brasil. Identidade. Miscigenação. Formação.

ABSTRACT: This article intends to evoke the debate about the thinking of Gilberto Freyre and its contribution regarding the Brazilian identity considering the construction of races: Indian, white and black. It is related to the concepts of race and culture through its most famous and prestigious work “Casa Grande e Senzala”. Without forgetting to contextualize the debate with other participants of this discussion, such as: Darcy Ribeiro and its work “O Povo Brasileiro” and Sérgio Buarque de Holanda and its work “Raízes do Brasil”. These three authors reflect on the same concern: to show the formation and the construction (of the identity) of the Brazilian society, through which refers to the idea of origins and stories of how this nation was constituting the reality where we find ourselves today, bringing reflections and different points of view from other contexts. This paper is divided in two sections. In the first part, it will be debated the Brazilian identity considering the work “Casa Grande e Senzala” of Gilberto Freyre. Secondly, this theme will be analyzed through other authors such as Sergio B. de Holanda and Darcy Ribeiro. Finally, it will be discussed the concept that the Brazilian people carry in its skin and soul the mark of miscegenation. The Brazil described by Freyre is a mixed country, largely, a black country. Furthermore, it is a country of moral scratched by lust – which he does not deny participating – where the cause it is not assigned to blacks, but to slaves. When we talk about “construction of the Brazilian identity”, we refer to the imaginary speech about nation and the theorists, since the identity unity exists only in discursive terms

KEYWORDS: Brazil. Identity. Miscegenation. Formation.

Considerações Iniciais

Este *paper* tem como objetivo trazer a tona o pensamento de Gilberto Freyre a respeito da identidade brasileira, a partir da construção de raças: índia, branca e negra. Relaciona-se isso aos conceitos de raça e de cultura, com a sua famosa e mais prestigiada obra “Casa Grande e Senzala” (2006). Cabe salientar que, o pensamento e a obra de Freyre são contextualizados com outros contemporâneos dessa discussão, tais como: Darcy Ribeiro com a sua obra “O Povo Brasileiro” (1995) e Sérgio Buarque de Holanda com “Raízes do Brasil” (1995).

Estes três autores refletem sobre a mesma preocupação: mostrar a formação e construção (identidade) cultural da sociedade brasileira, a partir da qual se remete a ideia de origem e história de como a nação brasileira foi constituindo a realidade pela qual encontramos, trazendo reflexões e outros pontos de vista provenientes de outros contextos.

Este ensaio bibliográfico em forma de *paper* está dividido em dois tópicos. No primeiro, vamos tentar descrever a identidade brasileira a partir da obra Casa Grande e Senzala, de Gilberto Freyre, refletindo um pouco a importância das raças nesta contribuição, também tentarei um exercício de refletir sobre problemas das religiões que contribuíram direta ou indiretamente para a formação da sociedade brasileira e as rituais religiosos que articulam a vida social colonial. Na segunda parte, a mesma temática com alguns autores contemporâneos a Gilberto Freyre, que trabalham nesta mesma linha de pensamento como, Sergio Buarque de Holanda e Darcy Ribeiro. Em seguida, as considerações finais.

O Pensamento Freyriano na Construção e Formação da Sociedade Brasileira: teorias e controversas.

Para averiguar o primeiro aspecto na formação e na construção da identidade brasileira, partiremos da obra ensaísta de Freyre que para muitos é “um divisor de águas” no estudo da identidade brasileira. Nela, Freyre busca trabalhar o conceito de cultura do que é raça (sem deixar este de lado) fato que o classifica de culturalista, como bom discípulo de F. Boas, mas também historicista recebendo influência alemão de Simmel e outros.

A obra de Freyre é uma marca da colonização ao homem branco (Europeu) e ao passado colonial brasileiro. Por outro lado, Freyre vai discutir a formação da sociedade brasileira por três elementos culturais: o branco (europeu-português), o negro (africano) e o indígena (nativo).

Segundo Holanda (1995) foram os índios, negros e mulatos que fundaram esse país. O elemento branco foi o elemento que prevaleceu, na visão de Freyre, não devido a sua superioridade racial, mas devido ao seu contexto histórico, a sua posição geográfica e ao contato com os mouros africanos e árabes, a partir do qual se obteve sucesso na adaptabilidade nos trópicos. Ao mesmo tempo, esse sucesso se deu na atividade mercantil que faziam, na qual não se apresentavam como os demais povos europeus. Desta forma, eram tidos como mais receptivos as demais raças e se misturavam com facilidade. O outro motivo, tido como o mais importante, é que o branco detinha todo o poder na sociedade colonial¹.

O elemento negro, segundo Freyre, tem importância, pois estaria em estágio superior culturalmente, em relação ao indígena. Ele dedicou dois capítulos em “Casa Grande e Senzala”² para análise do negro na sociedade colonial, no qual coloca toda a problemática da história do negro. Os negros foram explorados nas lavouras de cana de açúcar, castigados e submetidos como coisas e não gente. O outro ponto que diferencia a escravidão do negro, em relação à escravidão indígena, seria o fato deles morarem na casa grande e, depois que eram cristãos batizados iam trabalhar na cozinha e mais tarde lhes eram atribuída a tarefa de cuidar dos filhos de senhores, “os negrinhos” eram responsáveis pela iniciação da vida sexual dos senhorzinhos. Muitas mulheres negras eram amantes dos senhores já casados. Muitos negros se tornaram confidentes dos senhores, assim como muitas negras se tornaram confidentes das senhoras e das senhoritas. De certa forma, estes faziam parte da família.

Contudo, estamos apontando uma dificuldade de se falar do negro na construção da identidade brasileira, uma vez que eles não eram percebidos em suas singularidades culturais, devido ao sistema social da escravidão que era submetido que, ao lhe conferir um imaginário, muitas vezes os obrigavam a sê-lo, a dar suporte a esse imaginário. Mas diante da discussão exposta acima, Freyre foi o mais destacado desmistificador das pseudociências racistas que atribuem aos negros traços da inferioridade e lubricidade. Em “Casa Grande e Senzala”

¹Holanda, Sergio B. de. (1995) Raízes do Brasil. 26ª ed. São - Paulo. Companhia das letras

²Freyre, Gilberto (2006) Casa Grande e Senzala. 51ª ed. São - Paulo. Global.

decorre da relação entre o negro e branco na construção da identidade brasileira dentro dos limites dos engenhos agrícolas, da família patriarcal e do sistema social da escravidão.

Ao elemento índio, Freyre dedica um capítulo. Foram os primeiros com que os portugueses se relacionaram sexualmente aqui no Brasil, chegando a constituir família com as índias, devido à falta de mulheres brancas. Não eram bons na agricultura, pois a agricultura é uma atividade feminina, no entanto foram aproveitados no desbravamento das terras e das propriedades.

A relação do português com o índio, em nosso estudo, é especular e está dirigida a constituição imaginária do eu cultural. Ao mesmo tempo, isto introduz a idéia de que o português, ao se projetar no índio, iria se recriar lançando a semente da futura identidade nacional brasileira. Nesta perspectiva, podemos dizer que o branco não via o índio, o que de fato enxergava era tão só a projeção dos seus desejos filtrados pelo seu entendimento, pela sua linguagem. Visto que, a complexidade da cultura indígena era por eles ignorada.

Entretanto, a inocência dos índios justifica-se igualmente num dado concreto. Os índios receberam os portugueses com muita cordialidade e não imaginavam que aqueles com os quais lidavam eram na realidade, um invasor, que ali estavam para conquistar terras e riquezas. Para Prado (1997), esse olhar inicial, que estabelece numa imagem endêmica, certamente constitui-se no fundamento da teoria da cordialidade a qual consubstanciou uma ideologia explicadora da gênese da identidade brasileira.

Por outro lado, Freyre trata da idéia da democracia racial, pois no Brasil o importante não era raça, porque segundo ele não era isto que dava uniformidade ao povo, mas sim a religião católica, pois mesmo os negros buscavam ser batizados e os indígenas foram centro das atenções dos jesuítas com a missão de tornar os índios cristãos.

A religião será no Brasil mais flexível tentando incorporar dois elementos: negros e índios como ponto unificador do povo e da identidade brasileira. Apesar dos senhores dos engenhos serem os adultos da Casa Grande e Senzala, os padres e os bispos terão grande influência. Em cada engenho há uma capela onde se rezava diariamente, buscando um contato mais íntimo com os santos e com Deus.

Na perspectiva assumida pela obra Casa Grande e Senzala o autor tratou de entender a sociedade patriarcal não do ponto de vista econômico e político, mas principalmente do ponto

de vista social e sociológico (FREYRE, 2006, p. 199), ou seja, da história íntima, cotidiana, os rituais religiosos vão ser um dos focos privilegiado para ter acesso ao universo familiar.

Dessa forma entendemos que, o catolicismo da casa-grande é um catolicismo de família, baseado na intimidade com os santos, no culto aos parentes mortos, com o capelão subordinado, à custa do qual sobrevive. Entretanto, a subordinação do poder clerical ao poder patriarcal não significava descaso pelas coisas de Deus: os preceitos da Igreja possuíam um poder de coerção imenso, forte o suficiente para quebrar a “voluptuosidade e indolência” dos grandes senhores “pelo espírito de devoção da religião”, pelo sentimento de obrigação imposta. Saltavam eles das redes em que se refestelavam para se ajoelhar diante dos nichos de santos e recitar intermináveis ladainhas (FREYRE, 2006, p.431).

O cotidiano da família patriarcal será então marcado por práticas religiosas, assinalando a passagem dos dias, dos anos, da própria vida. Práticas diárias: “dentro da casa rezava-se de manhã, à hora das refeições, ao meio-dia; e de noite, no quarto dos santos – os escravos acompanhando os brancos no terço e na salve-rainha”. Rezava-se também ao deitar e ao acordar. (FREYRE, 2006, p.431)

As festas religiosas ocorriam ao longo de todo o ano, e marcavam o calendário do Brasil colonial, imprimindo ritmo à vida social. Eram acontecimentos que congregavam todos os membros da casa-grande – senhores e escravos – bem como seus aliados de outras famílias. Momentos de convívio social, de celebração, de revitalização de laços intra e inter familiares, de ir **à cidade** para comemorar (FREYRE, 2006 p.38).

A religião estava presente também nos ritos de passagem, marcando mudanças de status na vida pessoal. Homens e mulheres da sociedade patriarcal terão momentos cruciais de sua vida assinalados por rituais religiosos. Os batizados, próximos ao nascimento, marcando a entrada de um novo membro na família. A 1ª comunhão da menina, assinalando sua entrada na vida adulta e a chegada na “idade do casamento”. Os casamentos propriamente ditos, alianças entre famílias patriarcais ou, mais comumente no Brasil colonial, no interior da mesma família patriarcal (pois o casamento preferencial era entre tio e sobrinha, ou entre primos). O encontro com a morte, assinalado pela elaboração de testamentos devotos, em que proliferavam os legados pios e as alforrias, e pelos enterros faustosos, de preferência no interior das capelas e igrejas, transformando os parentes em mortos passíveis de culto, em quase-santos.

A presença da religião estava mesmo no processo de nomeação. Era comum no Brasil Colônia utilizar a folhinha, isto é, o calendário que trazia o santo do dia para nominar filhos de senhores e de escravos de acordo com a data de seu nascimento. Ou utilizar nomes de santos cuja proteção procurava-se atrair através dessa homenagem (FREYRE, 2006, p.452).

Portanto, pode-se concluir pela extrema importância da religião na vida social. Ela está presente tanto em momentos nos quais entram em jogo dimensões mais coletivas, comunitárias, como em momentos em que entraria em jogo “a construção da pessoa”, como os ritos de passagem, ou o processo de nomeação. Ela pontuava os momentos extra-ordinários, mas fazia parte da vida cotidiana, marcando manhãs, tardes e noite.

A constatação dessa “presença negra” nas cerimônias religiosas permitirá que o autor as trate como um campo de convivência entre senhores e escravos: “A religião tornou-se o ponto de encontro e de confraternização entre as duas culturas, a do senhor e a do negro; e nunca uma intransponível ou dura barreira”(p.356). Essa confraternização foi viabilizada, pela plasticidade e capacidade de incorporação do catolicismo brasileiro. (FREYRE, 2006, p. 356)

No outro extremo, Freyre trabalhará a idéia da miscigenação como algo necessário, pois o português não poderia colonizar uma grande extensão de terra como o Brasil, com uma população numerosa sem que isso aconteça. No entanto, era necessário que o homem reproduzisse para aumentar o número das pessoas e também para melhor adaptar-se a vida nos trópicos, foi o que aconteceu com os índios e depois com os negros nos engenhos formando assim um grande número de mestiços.

Mas, para Freyre, (2006), a miscigenação de certa forma era algo positivo, pois possibilitava a melhor adaptação do branco no ambiente tropical, fornecendo assim a mão de obra, o prazer sexual e a constituição de toda uma cultura particular. Logo, como já foi dito anteriormente, a miscigenação foi vantajosa. Fora criado um tipo ideal de homem para os trópicos, europeus com sangue de índios ou negros, porém – segundo Freyre - alguns problemas deterioraram a raça brasileira. Ao lado da vantagem da miscigenação está a desvantagem, que seria ela: a má nutrição associada à certa inferioridade física dos mestiços. Assim, a causa da inferioridade: sífilis e fome e alguns vícios, como o alcoolismo foram associados os problemas da mestiçagem brasileira.

O negro e o índio também tiveram grandes influências nos costumes. Na culinária, o índio deixou influências, como: a mandioca, a farinha, a paçoca de peixe ou carne vermelha, o

amendoim e o milho. O negro influenciou a culinária brasileira com a farofa, o quibebe, o vatapá, a feijoada, a introdução de azeite de dendê e da primeira malagueta como condimento e de vários doces. Na língua foram incorporados alguns dialetos. Na religião católica houve a incorporação de alguns ritos.

A Identidade Brasileira: nascimento e sentimento da brasilidade

Quando os portugueses começaram a dominação, encontraram no Brasil cerca de cinco milhões de indígenas de várias etnias falando várias línguas. No Brasil os primeiros contatos foram entre os brancos e os indígenas, pois eles eram grandes “desbravadores” do Brasil sendo guias dos bandeirantes nas incursões pelo interior do Brasil na busca de capturar riquezas. No primeiro momento, esse grupo ficará sem identidade, pois eles não se sentem brancos (portugueses) e nem se sentem índios (nativos), por isso que Darcy os chama índios, pois percebe que ainda não há um sentimento de brasilidade para se chamá-los de brasileiros. Os cruzamentos entre brancos e índios predominaram mais em algumas regiões do país, o que dará a estas regiões características diferentes umas das outras. Falarei destas identidades regionais mais a frente, usando a classificação de Darcy Ribeiro.

A terceira raça que esteve na formação da identidade brasileiro foi o negro trazido da África forçadamente para trabalhar como escravo, primeiramente nos engenhos de açúcar do Nordeste, e também em trabalhos menos duros. Serão por grande tempo desconsiderado no plano literário, assim como os índios. O primeiro trabalho que vão apresentar aos negros trata-se de maneira muito racionalista, pois eles consideravam a raça branca como a raça superior e a miscigenação como um problema. Essa linha racista tem como principais representantes: Nina Rodrigues e Silvio Romero.

Em contraponto a este pensamento racista, mas preservando certo racionalismo, se desenvolve outra corrente de pensamento nos estudos raciais onde se busca mostrar como ingressou o negro na sociedade brasileira e o destino que ele tem tido. Esses estudos tratam a miscigenação como marca da sociedade brasileira e que a miscigenação é um fato positivo para o Brasil. Apesar de continuar considerando a cultura branca - e não mais a raça - como superior. Tem como representantes principais Gilberto Freyre e Sergio Buarque de Holanda. Esses estudos propõem uma democracia racial no Brasil. Voltaremos a tratar disso mais na

frente, agora voltemos ao contexto histórico que estamos trabalhando para ver o nascimento e o sentimento de brasilidade.

Apesar de o nome Brasil estar presente em mapas antes do “descobrimento”, e ser esse nome um dos nomes dados pela coroa, o sentimento ao Brasil ainda é muito impreciso e para os próprios nascidos se atribuírem o nome de brasileiros demorou um pouco.

Ribeiro (2001) vai colocar que é provável que o brasileiro começasse a reconhecer-se a si próprio mais pela percepção de estranheza que provoca no lusitano, que por sua identificação como membro de um Estado – Nação e um ambiente sociocultural novo. Também para de remarcar sua diferença e superioridade frente aos indígenas. Assim, quem vai denominar que brasileiros são os místicos, pois os filhos de pais brancos preferem se considerar portugueses os nativos do Brasil, ou seja, brasileiros. E para destacar sua suposta superioridade, vão considerar os mestiços como nativos. Sendo que esse período é anterior a chegada dos negros no Brasil e os hábitos cotidianos, neste período são muito influenciados pelos índios, inclusive na língua falada.

A brasilidade só ganha foco com as contribuições dos mulatos - mestiços de brancos e negros, já totalmente “desafricanizados” pela moda aculturativa da escravidão. Esses mulatos ou serão brasileiros ou não serão nada, já que a identificação com o índio, africana ou “brasilíndio” era impossível. Além de ajudar a propagar o português língua corrente, esses mulatos somados aos mamelucos formavam a maioria da população que passaria, mesmo contra sua vontade, a ser vista e tida como a gente brasileira.

Então, dentro deste contexto, os primeiros que serão identificados como brasileiros são os mestiços, mamelucos e mulatos, sobretudo, e alguns caboclos - negros com índios. Os brancos, mesmo sendo os que mais se utilizam os recursos explorados nessas terras, não desenvolvem um sentimento de pertencimento a terra. O seu maior desejo é acumular os recursos com as independências. Pois, mesmo depois da independência, muitos brancos ainda não se identificavam com a terra onde moravam e não tinham um sentimento de ser brasileiros. Um fato que contribui para a interiorização, nos indivíduos, do sentimento patriótico no Brasil, foi a guerra contra o Paraguai, apesar do Brasil não ter interesse que justificasse a Guerra à distribuição de um país que tinha grandes perspectivas de crescimento.

Politicamente, o Brasil passava por um primeiro reinado, que foi o momento de auto afirmação como nação perante o mundo, onde há uma busca pelo reconhecimento de outros

países da independência do Brasil e começo da necessidade de pensar o que é o Brasileiro. Um período regencial onde acontecem várias revoltas separatistas que são reprimidas duramente, aumentando ainda mais a coesão e não a fragmentação do país. Um segundo reinado, onde há uma preocupação do imperador de construir a identidade do brasileiro e para tal há um retorno ao passado às raízes históricas para ver de que o brasileiro é feito, para isso fundou o instituto histórico e cultural nacional buscando a ajuda dos intelectuais, estrangeiros e nacionais.

Neste período foi proclamada a abolição da escravatura, o que não significou uma mudança qualitativa na vida nos negros, pois a abolição não foi acompanhada de políticas públicas de inclusão do negro à sociedade. Depois vem o período republicano. Assim como na independência, a proclamação da república acontece sem grande participação popular. As elites que assumem o poder são a favor da manutenção da ordem.

No período republicano se acentua a vinda dos imigrantes para o Brasil, para o povoamento do sul e para o trabalho assalariado nas lavouras de café, em São Paulo. Por trás dessa busca por trabalhadores brancos há o ideal de embranquecer a população.

Como já mencionei anteriormente a particularidade na construção da identidade do Brasil é a miscigenação entre o branco, o negro e o índio e que esses elementos não são racistas um em relação aos outros, ou, seja, somos uma “democracia racial”.

A forma peculiar do racismo brasileiro decorre de uma situação em que a mestiçagem não é punida mais louvada. Com efeito, as uniões inter-raciais, no Brasil, nunca foram vistas como crime, nem pecado. Isso devido principalmente os que vieram para o Brasil os homens solteiros e não famílias. O maior problema do racismo brasileiro é que por ele de maior sociabilidade do que existe, desarma o negro para lutar contra pobreza e opressão que lhe é imposta. O que se observa em negros com um talento extraordinário, como Pelé e outros esportistas não encontram uma linguagem apropriada e em comum para a luta anti racista.

Então, mesmo percebendo que o Brasil não é uma “democracia racial” a sociedade e a cultura são conformadas pelos brancos (lusitanos, principalmente, mas também brancos de outras nacionalidades que imigraram para o Brasil, principalmente no período pós-independência), os índios, nativos e os negros africanos. Podemos pensar esses problemas historicamente devido a fatores econômicos, sociais, culturais, ecológicos e políticos, isso foi construindo diversos brasis, ou diversos modos de ser brasileiro, que permite distingui-los

hoje como sertanejos do Nordeste, caboclo da Amazônia gaúcho das campanhas sulinas, além de ítalo-brasileiros, teuto-brasileiros e etc. Todos eles muito mais marcados pelo que tem de comum como brasileiro, que pelas diferenças devidas a adaptações regionais ou funcionais, ou pela miscigenação e aculturação que emprestam fisionomia própria a uma ou outra parcela da população.

Considerações Finais

A história contada por Gilberto Freyre pode ser temporal, às vezes, exagerada e de longa duração, mas também o fato é que concordamos com Darcy Ribeiro, Sergio B. de Holanda e outros. De modo geral, Freyre considera que a formação brasileira tem sido um processo de equilíbrio e antagonismo. Antagonismo de economia e cultura, a cultura europeia e indígena, europeia e africana, a africana e indígena, tantas outras sendo o mais profundo, o senhor e escravo, sendo que a miscigenação foi apaziguador dos antagonismos.

O Brasil é hoje um dos países com maior extensão territorial, devido principalmente ao grande poder de coesão que o poder central usou para manter a unidade nacional, reprimindo vários movimentos, em todas as regiões que buscam autonomia. No entanto, percebe-se que o Brasil é um todo com algumas características que os homogeneízam, como a língua os traços herdados dos portugueses, negros e índios. E uma heterogeneidade que foi colocada nos vários brasis que relatei acima, tanto a especificidade de cada região brasileira.

Darcy coloca que os traços herdados das três raças constituintes no Brasil, mesmo que por alguns autores possam ser colocadas como defeito ou como o desleixo, a plasticidade, o espírito aventureiro, maior gosto pelo ócio e pelo negócio, que resultaram em certa frouxidão e anarquismo, a desordem. Por sua vez, essas características permitiram o desenvolvimento do país, pois se fossem características que podem ser consideradas boas não teríamos o Brasil que temos hoje. Sem as características acima citadas, não teríamos a criatividade aventureira, a adaptabilidade flexível. Reforçando com Damatta, que destaca o jeitinho brasileiro de ser, meio termo entre o permitido e o não permitido.

O brasileiro traz na pele e na alma a marca da miscigenação. O Brasil pintado por Freyre é um país mestiço, em larga medida, um país negro. Além disso, é um país de moral arranhada pela luxúria - da qual ele não nega participar, como deixei claro acima cuja causa

não seja atribuída ao negro, mas sim ao escravo. Por outro lado, podemos colocar que nos dias de hoje o significado do Brasil provoca a aparição de que talvez pudéssemos acrescentar mais três afaustos substantivos: a pobreza, a corrupção e a violência. Contudo, os brasileiros não podem estar seguros disto. A participação efetiva incide necessariamente sobre o outro. A realidade frequentemente não importa contato que ela nos abre uma brecha para a ilusão. Para vermos o que desejamos o que necessitamos ver. Desta forma, deixamos claro que, neste trabalho, quando falamos de “construção da identidade brasileira”, referimo-nos ao discurso imaginário sobre a nação e os teóricos, visto que a unidade identitária existe somente em termos discursivos.

Por fim, entendo nesse caso que colocar a questão da africanidade nas diásporas equivale a colocar a questão das resistências culturais que por sua vez desembocaram em identidade culturais de resistência em todos os países do mundo que foram beneficiados pelo tráfico negreiro. “O Brasil é um deles, ou melhor, é o maior dos países beneficiados pelo tráfico transatlântico e também aquele que oferece diversas experiências da africanidade em todas as suas regiões, do norte ao sul, do leste ao oeste.”

É bom que se diga que a resistência dos povos em defender seus territórios, suas culturas e sua visão do mundo, não se mede pelo sucesso qualitativo ou quantitativo obtido. Ela se mede, apesar dos momentos de derrotas e glórias, pelo simples fato de defender a dignidade e a liberdade humana quando estas são ameaçadas como aconteceu, por exemplo, durante a escravidão, a colonização e como acontece hoje no mundo contemporâneo caracterizado pelas injustiças sociais, pelos preconceitos e discriminações de diversas naturezas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FREYRE, Gilberto (2006) *Casa Grande e Senzala*. 51ª ed. São - Paulo. Global Editora

_____ (1990) *Sobrados e Mocambos*. 10ª ed, Rio de Janeiro. Record.

HOLANDA, Sergio Buarque de. (1995) *Raízes do Brasil*. 26 ed. São Paulo, companhia das letras.

PRADO, Paulo (1997) *Retrato do Brasil*. 8ª ed, São- Paulo. Companhia das Letras.

RAGO, Luiza Margaret. *Sexualidade e Identidade na Historicidade Brasileira*. São Paulo. Anais do XIX Simpósio Nacional de História – ANPUH, 1998.

RIBEIRO, Ribeiro. (2001) “Gilberto Freyre: uma introdução a Casa-Grande & Senzala”. In: FREYRE, Gilberto. *Casa-Grande e Senzala*. Editora Record.

RIBEIRO, Darcy. (1995) *O Povo Brasileiro: evolução e o sentido do Brasil*. São Paulo, Companhia das Letras.